

**Margot**

Vice Presidente da Comissão Europeia, Presidente da Iniciativa Ministerial do Conselho das Mulheres Líderes Mundiais

"O problema não está na falta de capacidade das mulheres, mas sim no facto de os homens se escolherem uns aos outros"

Acabemos com o cartel masculino na política europeia!

Quem tiver tido oportunidade de ver os "retratos de família" dos Chefes de Estado e de Governo da UE reunidos em ocasiões importantes como o Conselho Europeu, por exemplo, terá ficado impressionado com o diminuto número de mulheres presentes.

Como é possível que, constituindo metade da população, as mulheres estejam ainda tão sub-representadas nas elites políticas europeias? Por que é que a União Europeia tem forçosamente de ser representada por homens no contexto internacional?

Para o ano teremos um novo presidente da Comissão Europeia e o Parlamento Europeu terá também um novo presidente. Se o Tratado de Lisboa entrar em vigor, haverá ainda um presidente do Conselho Europeu e um Alto Representante para os Negócios Estrangeiros, igualmente vice-presidente da Comissão. Quantos destes altos cargos serão ocupados por mulheres?

A comunicação social especula sobre quem irá preencher estes altos cargos da UE, acentuando-se a necessidade de se alcançar um equilíbrio geográfico, um equilíbrio entre os Estados-membros mais antigos e os mais recentes, e entre os vários quadrantes (direita/centro/esquerda) políticos. Então é o equilíbrio entre homens e mulheres? Em 50 anos, apesar de a Comissão nunca ter tido uma mulher como presidente e de o Parlamento Europeu só ter tido duas presidentes num total de doze, nunca o problema do equilíbrio entre os dois sexos foi objecto de debate sobre as nomeações para cargos superiores!

Estou profundamente surpreendida pelo facto de ninguém ter assinalado a ausência de mulheres entre os candidatos avançados pela comunicação social. Recentemente, instei os Chefes de Estado e de Governo europeus, os parceiros sociais e a sociedade civil a encetarem uma campanha activa para encorajar a presença de mulheres no topo da hierarquia da União. Para tal, teremos de:

1. Aumentar a participação das mulheres que votam nas eleições para o Parlamento Europeu em Junho de 2009.
2. Aumentar a presença das mulheres nas listas eleitorais europeias.
3. Assegurar a paridade nos cargos superiores a nomear no próximo ano.

Apraz-me verificar que a Europa começa a responder a este repto. O Lobby Europeu das Mulheres, que representa mais de 4.000 organizações de mulheres europeias, respondeu ao meu apelo e irá lançar no próximo Outono uma campanha para fomentar o equilíbrio entre os géneros no processo decisório da UE.

Em muitos países, há cada vez mais mulheres com êxito nos negócios. Contudo, na política as mulheres ainda se encontram sub-representadas. Alguns países da UE obrigam os partidos



candidatos às eleições nacionais a respeitar quotas de mulheres, mas como estas são frequentemente relegadas para os últimos lugares não têm possibilidades de serem eleitas. O problema não está na falta de capacidade das mulheres, mas sim no facto de os homens se escolherem uns aos outros. Devemos erradicar esta prática e seguir o caminho de Espanha e da Noruega, por exemplo, onde as quotas legalmente instituídas asseguram que, pelo menos, 40% dos candidatos dos partidos às eleições são mulheres. Em Espanha, a paridade está pela primeira vez no topo da ordem do dia, graças ao Governo de Zapatero recentemente formado, onde a maioria dos ministros é do sexo feminino. Contudo, a situação espanhola é contrabalançada, por exemplo, pela Itália onde o Governo de Silvio Berlusconi, com 21 membros, inclui apenas quatro mulheres. Infelizmente, este último é mais representativo da situação global na Europa.

Gostaria de ver muitos outros Estados-membros seguirem as pisadas da Estónia, por exemplo, onde muitas mulheres politicamente destacadas anunciaram a intenção de se candidatarem às eleições europeias do próximo ano entre elas Kristiina Ojuland, ex-ministra dos Negócios Estrangeiros e actual vice-presidente do Parlamento nacional. Na Holanda, discute-se actualmente a melhor maneira de equilibrar carreira profissional e vida familiar. Pergunto-me se as mulheres têm mesmo de sacrificar a sua vida social e familiar para poderem chegar ao topo da carreira política. E se terão sempre de trabalhar mais duramente que os homens para o conseguir. Chegou a hora de acabarmos com o "cartel masculino" na política. As mulheres e os homens, com os seus conhecimentos e experiências diferenciados, são complementares. Incluir as mulheres no processo de tomada de decisão é um acto de democracia. Nem mais, nem menos. ▶

**João Calado**

Advogado

Negócios à parte | "Para crescer Portugal precisa de investimento, trabalho, empresários dinâmicos e capital"

Portugal e a crise

É certo que a economia portuguesa vai sofrer com a crise internacional. Sucede, porém, que esta conversa já tem anos. Em Portugal lê-se e ouve-se falar sobre a crise económica internacional desde que, algures no princípio do século, a nossa economia deixou de crescer com vigor e, mais ou menos, estagnou. Pura demagogia pois a economia internacional não entrou em crise no início do século. Pelo contrário, nos últimos cinco anos a economia mundial cresceu como nunca tinha crescido, mais de 5% ao ano. Os países do Leste europeu, a Rússia, a China, a Índia e mesmo o Brasil perceberam com a queda da União Soviética que os sistemas de economia de mercado mais liberais geravam riqueza e bem-estar e abraçaram-nos decisivamente. E, com isso, as suas populações enriqueceram.

Ao passear recentemente pelas ruas de Varsóvia, percebia-se na forma de estar das pessoas, na elevadíssima percentagem de jovens, no dinamismo dos negócios que a Polónia encara o futuro com um optimismo e uma vontade de fazer coisas que falta a Portugal. Escolho a Polónia porque ela é, talvez por ser o maior país, com cerca de 40 milhões de habitantes, uma das economias de Leste menos ricas. E ainda assim, percebe-se que não vai demorar muito tempo a ultrapassar Portugal. Isto, apesar de acordo com as estatísticas do Eurostat publicadas em 24 de Junho, a Polónia estar a 54% da media comunitária do poder de compra comparado a Portugal a 75%. Para informação do Leitor: Euro 27 = 100; Espanha 107; Grécia 98; Chipre 93; Eslovénia 89; Checa 82; Malta 77; Portugal 75; Estónia 72; Eslováquia 69; Hungria 63; Lituânia 60; Letónia 58.

Portugal vai ficando para trás de forma impressionante. A nossa

distância para a Espanha aumenta todos os anos e os países de Leste que não estão ainda à nossa frente vão ultrapassar-nos. Recorde-se que há dez anos estávamos à frente da Grécia!!! Porém, mais importante do que pensarmos nas causas da nossa decadência é pensar nas soluções e imitar o que fazem os outros que são bem sucedidos.

A receita aplicada pela Irlanda (146) e pelos países de Leste foi simples: liberalizar a economia e baixar os impostos, reduzindo o peso do estado. Porém, em Portugal, quando se fala em liberalização, aparecem logo as clientelas do costume a gritar que é o fim, que vai haver despedimentos em massa, que a pobreza vai aumentar, que se perdem direitos adquiridos. Estes últimos nunca vou perceber o que são, certamente porque nem eu, nem a minha geração, nem as mais novas, os temos!

Ora, o problema de Portugal é precisamente o de que nunca liberalizou nem reformou. O peso do nosso Estado na economia continua enorme, a burocracia é um entrave a todos os negócios, e os impostos são, simplesmente, confiscatórios. Este enorme peso do Estado, estes impostos violentos e o desrespeito pelos direitos dos contribuintes, contribuem para que cerca de 20% da nossa população viva abaixo do limiar da pobreza. E para que a classe média se vá sentindo cada vez com menos poder de compra.

Para sair desta situação Portugal não precisa de inventar. Basta copiar a receita da Irlanda ou dos países de Leste: liberalização, impostos baixos e menos burocracia. Claro que a educação e a saúde são importantes mas os pontos anteriores são os que produzem efeitos no curto prazo.

A crise que se faz sentir em Espanha e nalguns países do mundo (a Ásia, a Rússia, etc. crescem bem) vai tornar mais dolorosa a liberalização em Portugal. Mas esta é parte fundamental da receita para o nosso desenvolvimento. Como o é a baixa dos impostos e o respeito pela propriedade privada. Não se consegue captar investimento quando os direitos dos contribuintes são desrespeitados todos os dias!

Para crescer Portugal precisa de investimento, trabalho, empresários dinâmicos e capital. O Governo socialista espanhol baixou os impostos uma vez mais, acabando com o imposto sobre grandes fortunas. E nós vamos fazer alguma coisa para sair da crise? ▶

"A nossa distância para a Espanha aumenta todos os anos e os países de Leste que não estão ainda à nossa frente vão ultrapassar-nos. Recorde-se que há dez anos estávamos à frente da Grécia!!!"